

## PreparaNem – Niterói: práticas pedagógicas de enfrentamento LGBTQI+ ao sistema<sup>9</sup> educacional brasileiro

Lais Volpe Martins<sup>10</sup>  
laisvolpemartins@gmail.com - UFF  
Tainá-Can Barboza<sup>11</sup>  
tainabarboza@id.uff.br - UFF

“[Corpos] de despejo trans\*(bordam) pelo mundo.” – Carolina Maria de Jesus

### Introdução

O presente texto é resultado das pesquisas realizadas ao longo da nossa licenciatura em Geografia, aliadas a nossa prática pedagógica desenvolvida no projeto PreparaNem – Niterói, desde o início de sua fundação, em 2016, até os dias atuais. Nesta introdução resumimos nossa trajetória de pensamentos e inquietações acerca dos processos educativos incidentes sobre nossos corpos sapatonas e não binários latino-americanos, orientados, teoricamente, pela metodologia transfeminista. Apoiados nos pensadores Viviane Vergueiro, Jaqueline Gomes de Jesus, J. Mombaça, Joubert Assumpção, Tertuliana Lustosa e Indianara Siqueira; e nos teóricos da educação Bell Hooks, Ana Mae Barbosa, Jorge Larrosa e Paulo Freire, além da prática docente em primeira pessoa, elucidamos aqui a necessidade de construção coletiva das epistemologias LGBTQI+ para alcançarmos práticas pedagógicas emancipatórias de fato.

Por se tratar de uma leitura a partir de corpos LGBTQI+, o foco deste trabalho é refletir sobre como a atual conjuntura sociopolítica estruturada pelo sistema-mundo moderno-colonial<sup>1</sup> opera por meio da instituição escolar na construção de um padrão de normatização que (re)produz suas relações assimétricas de poder. Cada vez mais apartado da natureza, esse modo de vida se materializa pela “civilização” euro-norte-americanocêntrica através da construção da cis-hetero-normatividade careta. (VERGUEIRO, 2014). O espaço escolar, de desenvolvimento social e intelectual humano, influencia de maneira direta no comportamento dos educandos (BOURDIEU, 1989) e é capaz de moldar a realidade ao naturalizar processos sociais de opressão, tais como os racismos e cissexismos, enraizados e corporificados em nossos cotidianos. Nossa sociedade nos ensina a invisibilizar e silenciar narrativas subalternizadas, não brancas e

---

<sup>9</sup> “Utilizo ‘sistema’ para enfatizar o caráter cis-supremassista do “[c]istema-mundo ocidentalizado/cristianocêntrico moderno/colonial capitalista/patriarcal” (GROSFOGUEL, 2012:339). Este sistema-mundo também produz “hierarquias epistêmicas” em que perspectivas não cisgêneras são excluídas, minimizadas ou silenciadas.” (VERGUEIRO, 2014.)

<sup>10</sup> Lais Volpe Martins, sapatona mestiça, graduanda de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal Fluminense.

<sup>11</sup> Tainá-Can Barboza, bran(cu) não binária, Graduada em Geografia pela Universidade Federal Fluminense.

não cisgêneras, colocando à margem outras percepções, conhecimentos e epistemologias decoloniais que estas carregam.

O PreparaNem - Niterói, entendido como movimento social<sup>12</sup>, é uma ferramenta de trans\*(formação) sócio-educativa, pois apresenta e promove, a partir do protagonismo LGBTQI+, prioritariamente trans, outras narrativas produtoras de saber, desnaturalizando as estruturas hegemônicas do sistema-mundo ao mostrar outros caminhos possíveis a serem trilhados para emancipação coletiva. O empoderamento, a inserção nas Universidades, a representatividade, a melhora da autoestima, a criação de redes de apoio, a difusão de imagens positivas acerca da população LGBTQI+, a afetividade trans\*, a pedagogia do cuidado, a ocupação de lugares de poder, são algumas das estratégias usadas para quebra do estigma e dos estereótipos negativos socialmente construídos que marginalizam os corpos periféricos.

Nossa prática pedagógica é potencializada pelo exercício de percepção e imaginação geográficas (CORREA, 2012), pois busca compreender as relações entre a sociedade e o espaço a partir das referências des próprias educandes. Defendemos que debates relativos a transversalidade de percepções que nos cercam devem estar no centro das atividades curriculares, tais como questões de gênero, raciais e o multiculturalismo<sup>13</sup>, por exemplo, destacando o fato de que outras metodologias de aprendizagem, não violentas, não totalitárias e não homogeneizantes, são necessárias para a reconstrução e valorização desses múltiplos saberes e realidades (VERGUEIRO, 2014). Além disso, também discutiremos a posição des professories em tal geometria de poder (LACOSTE, 1989).

Devido aos altos índices de violência de gênero na sociedade brasileira é de extrema urgência que nossas vivências sejam reconhecidas, respeitadas e legitimadas. Por isso, estamos aqui, para reafirmar que outras vozes (re)existem, outros cotidianos tecem a história e constroem o espaço. A ciência pensada *desde abajo*<sup>14</sup> deve tensionar o sistema e tomar o protagonismo às narrativas subalternizadas capazes de revelar a infinitude dos universos que compartilhamos. Nossa escolha política pelo uso da linguagem neutra (REZ; GAIGAIA, 2014) na escrita deste trabalho é uma forma de contemplar a multiplicidade de identidades de gênero existentes, inserir nossos corpos na (re)produção do debate e evidenciar o caráter colonial binário do gênero na linguagem portuguesa.

---

<sup>12</sup> JESUS, Jaqueline Gomes de. Psicologia social e movimentos sociais: uma revisão contextualizada. Revista Psicologia e Saber Social, v. 1, nº 2, p. 163-186, 2012.

<sup>13</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais - Pluralidade Cultural. Ministério da Educação do Brasil. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf>>. Acessado em 06 set. 2018.

<sup>14</sup> Conceito decolonial que centraliza as referências e epistemologias no hemisfério Sul do planeta. (SANTOS & MENESES, 2009)

## Sobre o Sistema-Mundo Moderno-Molonial

Na realidade ocidentalizada cristianocêntrica (GROSGOUEL, 2008) em que estamos inseridos, o sistema sexo/gênero/desejo/práticas sexuais nos condiciona à manutenção da cis-heteronormatividade, pois o gênero do indivíduo se vê norteado por um ideal binário de masculino e feminino que corresponde ao seu sexo designado ao nascimento - macho e fêmea -, bem como aos respectivos padrões comportamentais referentes a este ideal (VERGUEIRO, 2014). A reprodução cotidiana destes padrões, ditos universais, se incorpora às pessoas à medida que elas se relacionam com o mundo e aprendem a se significar a partir dele. Deste modo, aquelas que não se enquadram a cis-heteronorma sofrem com a patologização de suas vidas<sup>15</sup>, muitas vezes levadas à culpabilização e inferiorização enquanto indivíduo num corpo inconforme (VERGUEIRO, 2015. p. 72-76.), eliminando assim, suas possibilidades de existência.

Temos que pontuar que o início deste processo de socialização se dá nas escolas e isso nos faz refletir no quão difícil é para muitas crianças que não se identificam com o sistema sexo/gênero fazer o uso de banheiros, por exemplo, quando muitas vezes não se sentem confortáveis ao ter que corresponder a uma escolha que lhes foi imposta antes mesmo da vontade de urinar. Entretanto, assim como as identidades culturais, apontadas por Stuart Hall (2006) como fluidas e descentralizadas, as identidades de gênero também se apresentam como outras formas de problematização do indivíduo e da sociedade a respeito de si mesmas, formas transitórias, nômades e não totalitárias, que contestam o absolutismo da ideia linear de verdade ocidental eurocêntrica, pois variam de acordo com o contexto sociocultural e suas próprias construções e cosmogonias (OYĚWŪMÍ, 2004)<sup>16</sup>.

Nesta conjuntura, a universidade é a instituição responsável por legitimar como verdade-verdadeira<sup>17</sup> as múltiplas narrativas, mas, historicamente, serviu para a manutenção da hegemonia branca heterossexual masculina. Mais recente e lentamente suas vagas vêm sendo disputadas e ocupadas também por esses corpos inconformes<sup>18</sup>. Destacamos a dimensão política corporificada na produção do conhecimento científico, pois são entendidos aqui não apenas como território do saber/poder, mas também, como nos aponta Mombaça (2016), do prazer/saber, na medida em que seus processos de produção, fundamentalmente resultam da experiência corpórea localizada no mundo e quando esta experiência parte de LGBTQI+, ela atravessa outros pontos de sensibilidade corporal que nos levam ao (re)conhecimento mutuo.

A educação é ferramenta necessária para transformação social, nesse sentido, o intuito do trabalho realizado no PreparaNem - Niterói é ressignificar ideias que perduram

---

<sup>15</sup> Apenas no ano de 2018 a transexualidade foi retirada do Código Internacional de Doenças da OMS.

<sup>16</sup> Oyèrónké Oyèwùmí reflete sobre a inadequação dos conceitos de gênero feministas eurocêntricos às realidades e epistemologias africanas, o que demonstra a variação dos conceitos de acordo com as diferentes territorialidades

<sup>17</sup> WACHOWSKI, Lana; WACHOWSKI, Lilly. A Viagem. 172'. 2012. Irmãs cineastas trans\*

<sup>18</sup> Matéria sobre cotas para pessoas trans em universidades públicas brasileiras. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/arco/sitenovo/?p=3867> Acessado em 10/09/2018

séculos em nossa sociedade e que sempre colocam lésbicas, gays, bissexuais, travestigeneres, transexuais e intersexuais, além de negros, indígenas, mulheres e não ocidentais à margem da sociedade organizada pelo sistema-mundo, sem perder de vista a interseccionalidade moderno-colonial entre gênero e raça.

Para a maior parte dos indígenas das Américas as relações [homoeróticas] constituíam parte normal das suas práticas sexuais cotidianas. Foi a colonização europeia que patologizou essas relações como parte da estratégia de racialização para mostrar a inferioridade racial das populações indígenas e da necessidade de convertê-los ao cristianismo para torná-los sujeitos dóceis à sua incorporação nas formas capitalistas de trabalho forçado. (GROSGUÉL, 2008, p.344)

### **Breve História Do Prepara Nem**

O PreparaNem surge no Beco do Rato, Lapa – Rio de Janeiro, 2015. Após a ocupação da Casa Nem - espaço que funciona até hoje como residência, ponto de apoio, acolhimento e afetividade de pessoas trans\* - foi percebida a necessidade da promoção da educação como ferramenta de empoderamento das pessoas que ali se encontravam. O PreparaNem é:

Um coletivo formado por amigos e parceiros, que possuem como principal foco a abertura de espaço de voz e de visibilidade de pessoas trans - que são, de fato, as fundadoras e sustentação do grupo. Não cabe na proposta localizarmos um único fundador, organizador ou responsável. Reafirmamos, assim, que o protagonismo, a fundação, a organização e gestão do curso são EXCLUSIVAMENTE das pessoas trans. (Descrição da página <<http://www.facebook.com/PreparaNem>> Acessada em 2015.)

Em descrição tirada da página da rede social do coletivo, pois é de extrema importância o direito de se autonear; também retiramos o trecho:

O curso PREPARA NEM não instrui transgêneros. Somos um coletivo no qual profes e alunes buscam transformar seus modos de exercício nos respectivos espaços políticos e engajado na luta e na resistência pelo protagonismo trans. Alunes, que devido à evasão escolar carecem de um conteúdo específico exigido para a conclusão do segundo grau, bem como para a entrada na universidade. Profes (não necessariamente professores) familiarizados com as hostilidades do ambiente educacional e das pedagogias tradicionais, que sentem a necessidade política de aprender e agregar às próprias práticas o que diferentes modos de vida podem trazer a nosso modelo atual de educação: patriarcal, heteronormativa, cisgênera, binária, etc. (Descrição da página <<http://www.facebook.com/PreparaNem>> Acessada em 2015.)

Em Niterói, o projeto teve início em 2016 e é apoiado pelo Grupo Diversidade Niterói (GDN) e Grupo Transdiversidade Niterói (GTN) sendo as aulas realizadas no espaço das suas sedes no centro da cidade. As aulas acontecem de segunda à sexta-feira, das 18h30 as 21h30. As disciplinas que compõe o currículo são: Biologia, Português, Redação, Literatura, Inglês, Espanhol, Geografia, História, Sociologia, História da Arte, Física, Química e Matemática. Cada disciplina conta com pelo menos três professorias

voluntaries que organizam seu cronograma com foco no ENEM e com os devidos cuidados para não reprodução de LGBTQI+fobia nos conteúdos exigidos. São realizadas reuniões periódicas entre todes para organizar e avaliar o funcionamento do curso, e os conteúdos que podem ser trabalhados de maneira interdisciplinar.

Outra estratégia é explorar os diversos espaços de aprendizagem que compõem o nosso cotidiano para que as pessoas se habituem a presença LGBTQI+ e aprendam a conviver positivamente com a diferença, para tal, são realizadas aulas abertas em espaços públicos como praças, shoppings, teatros, câmaras municipais, universidades, além da promoção audiovisual de documentários, entrevistas, conteúdos nas redes sociais, calendários, ensaios fotográficos e manifestações políticas, como por exemplo, participação na Parada do Orgulho LGBTQI+ de Niterói. Por isso, cabe destacar que a educação não se restringe apenas ao espaço formal onde ocorre a escolarização, ela está presente em cada fazer exercido por nossos corpos e tal prática valoriza os saberes dos educandos, uma vez que muitos de seus conhecimentos são adquiridos nas ruas, longe das escolas que lhes foram negados o direito de estar. (ASSUMPTÃO, 2017)

A todo tempo o objetivo do PreparaNem é o desenvolvimento da autonomia (FREIRE, 1996), logo, os educandos são incentivados a participar da gestão do projeto, ao cuidado de si, de outre e do espaço compartilhado. Eles colaboram com a manutenção e limpeza do espaço, organização do lanche, abertura e fechamento da sede, promoção e produção de eventos culturais, entre outros. O PreparaNem - Niterói conta com uma média entre 10 e 30 educandos por ano, dos quais 70% foram aprovados em universidades nos anos de 2016 e 2017. O projeto é autogestionado, independente, apartidário e conta com ajuda de colaboradores, doações e financiamento coletivo na internet.

### **Sobre A Prática Pedagógica Emancipatória Corporificada**

A prática pedagógica desenvolvida no PreparaNem - Niterói, apresenta-se como uma das formas de enfrentamento ao sistema-mundo e de construção de um sentido comum para a sociedade que preze pelo respeito às pessoas LGBTQI+ e toda a diversidade que nela se manifestam. Se considerarmos a subjetividade criada a partir da educação como um processo de construção sócio-histórico, a educação de indivíduos para a diversidade resultará em uma sociedade mais tolerante (SANTOS, 2001). Porque da mesma forma que a LGBTQI+fobia e as outras opressões sistêmicas foram aprendidas e incorporadas ao longo da história elas podem ser transformadas e ressignificadas (BENTO, 2011).

Utilizamos o exercício da imaginação geográfica (CORREA, 2012) como instrumento pedagógico que orientou nosso trabalho no PreparaNem. Percebe-se que a ocupação do espaço, de *per si*, é um instrumento de enfrentamento político-social e deve ser utilizado para ensinar de maneira crítica e estratégica, pois reafirma nossa diversidade e direito de (re)existência. Por meio dos conceitos geográficos buscamos a compreensão dos conceitos interseccionais de gênero, priorizando na centralidade dos debates os temas

como, por exemplo: corpo território (FARIA, 2005), lugar de fala (RIBEIRO, 2017), espaços de pertencimento, transformações na paisagem, direito de ocupação (SOARES, 2017); evidenciando as discriminações cotidianas e como, muitas vezes, as interiorizamos e reproduzimos até mesmo de forma inconsciente.

Entre as inúmeras abordagens possíveis, recai-se a atenção para aquelas que colocam les educandes no centro do prazer/saber/fazer no processo educativo para que seu desenvolvimento ocorra da relação entre os saberes que cada um carrega e aqueles acumulados pela sociedade num geral, em permanente (re)construção e disputa político-histórico-cultural. Uma educação que fortaleça os laços de pertencimento des educandes com a escola e a sociedade, a partir da diversidade de problemas e questionamentos sociais a serem transformados por uma ação reflexiva, crítica e consciente, problemas estes urgentes a serem trabalhados por nossa sociedade, como o racismo, a LGBTQI+fobia, o machismo, o classismo, o bullying e etc.

Como exemplo prático, gostaríamos de apontar aqui uma atividade desenvolvida durante as aulas a fim de demonstrar outras de formas de posicionamento des professories que evidenciam a horizontalidade nos processos de aprendizagem. Ao abordar conteúdos relacionados às culturas de matriz africanas, convidamos a participar da aula amigas negres para compartilhar narrativas em primeira pessoa e que fogem a lógica racista de (re)produção do conhecimento colonial, nos colocando, também como educandes e destacando a importância das culturas africanas na construção da identidade brasileira. Uma vez que a população negra LGBTQI+ é o principal alvo das violências coloniais.

### **Considerações Finais**

Atualmente, pensar os processos educativos que ocorrem nas escolas e fora delas é buscar compreender como se dá a (re)produção de valores e sentidos de mundo opressores, socialmente construídos pela colonialidade do prazer/saber/poder, e como les agentes envolvidos – educandes, educadories, funcionáries, familiares, comunidade, poder público – atuam nos processos de aprendizagem, sem perder de vista que a dimensão política do processo inserido num sistema educacional desigualmente estruturado deve ser central. O modo como educamos nossa sociedade é excludente e discriminatório, pois nos ensina a inferiorização do outro a partir da diferença e da homogeneização ocidentalizada dos corpos que leva a marginalização e ao homicídio de pessoas LGBTQI+.

No âmbito da micropolítica, o papel de professorie que se propõe a descolonização do pensamento/prática pedagógica consiste não só na transmissão e compartilhamento dos conhecimentos acumulados, mas também na construção coletiva de novos saberes a partir dessas múltiplas realidades periféricas em movimento, atuando como mediadorie do processo educativo/emancipatório e se deslocando do lugar de dono da verdade universal hierárquica ocidental. Devemos nos desprender do medo de não saber, romper a hierarquia que nos autoriza a ensinar, pois todos os lugares são lugares de aprendizagem. É de extrema importância a autocrítica constante e atenção ao teor opressor dos conteúdos

trabalhados, sem perder de vista os processos culturais localizados nos corpos e subjetividades daqueles com os quais compartilhamos os processos de aprendizagem e ensino mútuos.

Enquanto acadêmiques, estamos inseridas na instituição responsável pela produção e legitimação das hierarquias epistemológicas que configuram o sistema-mundo. Por mais difícil, emocional e psicologicamente, que seja ocupar esses espaços sendo corpos estranhos (PASSARELI, 2018), as disputas pelas narrativas que constroem o imaginário social se apresentam como um dever político, para romper com os estereótipos discriminatórios que reproduzem preconceitos como: gordofobia, racismo, LGBTQI+fobia, classismo, machismo e outros; autorizando o genocídio desses corpos estranhos. Cabe ressaltar também a necessidade de produção de conhecimentos contra-hegemônicos que superem o binarismo metodológico entre sujeito e objeto, ou seja, que os lugares de fala sejam respeitados para que os próprios sujeitos possam contar suas histórias.

Corpos trans\* ainda estão nas bordas pelo mundo. Trans\*(bordam) e ao mesmo tempo que são despejados da sociedade costuram suas entranhas. Trans\*(formam) a realidade e nos ensinam sobre a infinitude de possibilidades do ser. Somos grates a todes irmanes que nos trouxeram até aqui e com quem compartilhamos esses cotidianos marginais, transviados, sapatones, não-binaries, traveco terroristas. (LUSTOSA, 2016) Talvez, este seja o principal desafio na construção deste pensamento emancipatório, a manutenção e continuidade de práticas e prazeres/saberes cotidianos que nos libertem da condição de dominades que querem se tornar dominadores de um mundo sem dono.

## Referências

- ASSUMPÇÃO, Joubert. Viver não cabe no Lattes. 2017. Monografia do curso de Pedagogia da UFF. Niterói. 2017.
- A Viagem. Direção: WACHOWSKI, Lana; WACHOWSKI, Lilly. Alemanha. X-Film Creative Pool Anarchos Production. 172 min. 2012.
- BARBOSA, Ana Mae (org). Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez. 2008.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 336, maio-ago. 2011.
- BOURDIEU, Pierre et al. O poder simbólico. 1989.
- BRASIL, Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”. Brasília. 2008.
- BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Volume 10. Pluralidade cultural e orientação sexual. Brasília. 2018.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e Simbolismo. In. CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C. CORREA, R. L. (org.) Olhares Geográficos, Modos de Ver e Viver o Espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2012.

FARIA, Anna Amélia de. O corpo território. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecul2005/AnnaAmeliadeFaria.pdf>> Acesso em: 04 set. 2018.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade. v. 1. A vontade de saber. In: História da sexualidade. v. 1. A vontade de saber. 1985.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1974.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80, p 115-147. 2008

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. TupyKurumin. 2006.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo. 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Psicologia social e movimentos sociais: uma revisão contextualizada. In: Revista Psicologia e Saber Social, v. 1, nº 2, p. 163-186. 2012.

LACOSTE, Yves. A Geografia Isso Serve em Primeiro Lugar Para Fazer a Guerra. 2ª edição, Editora Papyrus, São Paulo. 1989.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. Revista reflexão e ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27. 2011.

LUSTOSA, Tertuliana. Manifesto Traveco-Terrorista. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 28, p. 384-409. 2016.

MOMBAÇA, Jota. Pode um cu mestiço falar? Disponível em: <<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, p. 1-8. 2004.

PASSARELI, Matheusa. Corpo estranho e outros. Disponível em <<http://sxpolitics.org/ptbr/corpo-estranho-por-matheusa-passareli/8349>>. Acesso em: 4 set. 2018.

REZ, Cari; GAIGAIA, V. Guia para linguagem oral não binária ou neutra. Disponível em: <[http://pt-br.identidades.wikia.com/wiki/Linguagem\\_n%C3%A3o-bin%C3%A1ria\\_ou\\_neutra](http://pt-br.identidades.wikia.com/wiki/Linguagem_n%C3%A3o-bin%C3%A1ria_ou_neutra)> Acesso em: 03 set. 2018.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Letramento, São Paulo. 2017.

SANTOS, Boaventura Sousa dos; MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. Coimbra. Edições Almedina. 2009.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Editora Record. 2000.

SOARES, Nana. Orgulho e resistência: o percurso LGBT pelo direito à cidade. Disponível em: <<http://cidadeseeducadoras.org.br/reportagens/orgulho-e-resistencia-o-percurso-lgbt-pelo-direito-a-cidade/>> Acesso em: 04 set. 2018.

VERGUEIRO, Viviane. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Tese de doutorado da UFBA. Salvador. 2015.

\_\_\_\_\_. É a natureza quem decide? Reflexões trans\* sobre gênero, corpo e (ab?)uso de substâncias. In: Transfeminismos: teorias e práticas. Org: JESUS, Jaqueline Gomes de. Metanoia Editora. Rio de Janeiro. 2014.